

Nº 1

1976

EDUCAÇÃO E REALIDADE

ER

N1.1976

ER

Educação E Realidade

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**EDUCAÇÃO
E
REALIDADE**

Nº 1 — Fevereiro 1976

UMA ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL MAIS HUMANA EXPERIÊNCIA DE ESCOLA ABERTA

Tânia Fischer

Porão de uma igreja. A maior parte da área, sem divisões. Dois espaços fechados com painéis e um totalmente vedado.

No espaço maior, diversos ambientes formados por sofás, almofadões espalhados pelo chão, armários, cadeiras e mesas dos mais diversos estilos. Todas as mesas prestam-se para trabalho em grupo. Espalhados pelo chão, pelas mesas, pelas cadeiras, jogos, revistas e livros em quantidade.

Roupas de épocas passadas. Um capacete de bombeiro. Uma piscina de plástico. Bandeiras de diversos países. Cordas. Duas televisões. Gravadores. Fones individuais. Discos. Um refrigerador. Plantas em vasos. Terrarium. Um aquário. Uma colheira e um viveiro com pássaros. Arquivos e estantes com fichas e outros materiais de instrução, catalogados.

Crianças, individualmente ou em grupos, em tarefas diferenciadas. Cinco crianças dormem nos colchões. Seis professoras circulam atendendo a chamados.

Durante o decorrer do trabalho, algumas crianças dirigem-se a uma das salas onde se lê na porta: Trabalhe aqui, se você precisar de silêncio.

Num dos cantos, um pequeno grupo está aprendendo a fotografar. O professor, mais tarde identificado como o pai de um dos alunos, orienta a montagem do cenário. Os alunos constroem com blocos um castelo. Vestem-se de fada, príncipe, soldados e agrupam-se para posar. Todos manejam a máquina e batem fotos. Pode-se observar no salão a diferenciação de atividades: leitura, jogos matemáticos, pintura e um grupinho que está aprendendo a usar as páginas amarelas do guia telefônico.

Não se ouvem ordens, nem observações quanto à necessidade de silêncio. As crianças falam, em geral, em voz baixa e deslocam-se serenamente pelo espaço.

Há muitas comunicações intra e intergrupos. Os professores são regularmente solicitados e só então interferem no trabalho.

Estes flashes traduzem impressões de um período de trabalho na McEwan Open School, escola fundamental de educação aberta, observada durante uma semana como parte de um programa de estágio por nós realizado no Centro de Desenvolvimento da Pesquisa da Aprendizagem (Learning Research Development Center), da Universidade de Pittsburgh, Pensilvânia.

É uma escola particular, mantida pelos alunos ou por contribuições e mista, com um terço de crianças negras numa comunidade em que há ainda escolas só para brancos ou negros.

Cabem algumas considerações sobre a experiência americana de Educação Aberta: é um movimento que vai progressivamente ganhando adeptos nos Estados Unidos, tendo como alguns de seus inspiradores e teóricos A.S. Neil, Carl Rogers, John Dewey e Jean Piaget, Herbert Khol e Virgil Howes, entre outros. Dennis Fantaski (1971), da Universidade de Pittsburgh, refere-se a Educação Aberta como “uma metodologia educacional em que um currículo flexível é planejado para desenvolver necessidades sociais, acadêmicas e emocionais de cada criança”. Howes (1973) pensa mais amplamente sobre o tema, dizendo ser a Educação Aberta “uma forma de pensar em criança, ensino e conhecimento”.

O que parece constante nos diferentes conceitos é a perspectiva integradora e ativa da Educação Aberta.

O aluno aprende por meio de atividades individuais e de grupo e interage com um ambiente rico e o mais possível vivo. Os aspectos cognitivos e afetivos da aprendizagem não são categorias estanques e o ato de aprender se configura como uma experiência humanizante.

A desseriação, a não existência de conceitos e notas, a possibilidade de o aluno construir ativamente seu próprio currículo, o atendimento individual, o respeito ao outro configuram a Educação Aberta como um sistema escolar que alia responsabilidade e liberdade, individualidade e cooperação.

Embora muitos aspectos possam ser explorados, um dos focos interessantes é a dinâmica organizacional da escola. A organização escolar foi revalorizada pela educação aberta, que confere papel relevante ao ambiente de ensino. Trata-se, evidentemente, de um sistema aberto, cuja estrutura de poder é centrada no aluno, gerente de sua aprendizagem.

Parece-nos que estas escolas são campos bastante férteis de investigação para a Psicologia Social e Desenvolvimento Organizacional. Aparentemente, (com indícios seguros pelo menos no caso observado) as Escolas de Educação Aberta aproximam-se muito do Sistema 4 de Rensis Likert: o sistema organizacional grupo participativo.

Fazendo uma rápida apreciação da instituição a partir de alguns dos pontos de referência de Likert, (1961), identificaríamos a escola como uma organização em que as comunicações fluem em todas as direções, envolvendo alunos, professores e pais. Na McEwan School, há assembleias periódicas onde os

problemas são discutidos pelas crianças, pais e professores em igualdade de condições. A propósito, a solução de problemas é uma das principais competências a serem desenvolvidas, Acreditam os professores que o ensino será automotivado, se os alunos tiverem oportunidade de tomar decisões sobre o que estão interessados em aprender e planejar suas experiências de ensino. No início da semana, fazem um contrato com o professor estabelecendo o que e como vão aprender. Durante a semana, são livres para trabalhar como quiserem. Ao final do prazo, o professor revisa com os alunos os seus trabalhos e tomam juntos a decisão sobre a necessidade de recursos suplementares ou sobre a possibilidade de avanço.

As dimensões de tomada de decisões, determinação de metas e controle de Likert aqui parecem atingir um alto nível de participação.

Os pais comprometem-se, no ato da inscrição, a ensinarem por um certo período de tempo aos colegas de seu filho algo de sua atividade profissional, como foi exemplificado no caso do fotógrafo. Nesta época, também, uma das mães, bailarina, desenvolvia atividades de expressão corporal com alunos das últimas séries.

Segundo a direção da escola, "McEwan School é uma comunidade em que pais, professores e alunos aprendem juntos".

Ressalta-se a importância da gerência participativa, fundamental nesta escola em que o papel do professor foi redefinido. É pré-requisito a seleção e **o treinamento pré-serviço e em serviço para este trabalho e já há diversos estudos e experiências sobre a preparação de professores para a Educação Aberta.** Mas, na gerência desta organização, deve ter lugar alguém profundamente identificado com os seus princípios e processos, com maturidade suficiente para promover um sistema de interação - influência com um alto grau de confiança nas relações. Pôde-se observar em diversas oportunidades na McEwan School, que a diretora, que tem sua mesa no centro do salão, era chamada pelo nome por professores e por alunos para participar de atividades. Há, por parte da diretora, confiança na possibilidade de consenso e a livre fluência das informações dá-lhe condições de liderar de forma sensível e segura a tomada de decisões pelo grupo e administrar os conflitos.

Quanto ao controle do desempenho, último ponto de referência para análise de sistemas organizacionais de Likert, são bem evidentes as práticas. O "turnover" na escola é praticamente nulo e os professores demonstram entusiasmo, senão orgulho pelo trabalho. Há um grande investimento de esforços na organização do ensino, desde a criação de condições ambientais até o controle individual de desempenho dos alunos. Estas práticas dão elementos para reiniciar novamente o ciclo, oferecendo-se novas condições, que pode ser tanto fazer compras no mercado público quanto ler um texto poético ou participar de uma assembléia geral, desde que estas atividades sejam desejadas e sentidas.

Pareceu-nos que a experiência de Educação Aberta cresce na razão direta dos movimentos de contestação da escola tradicional. Poderia ser caracterizada como uma confluência de direções teóricas para a escola de hoje valorizando a criança como ser único, ativo e reflexivo.

As classes tradicionais e semitradicionais têm como foco, respectivamente, o conteúdo e o processo. A classe aberta é centrada em valores e a humanização é o seu princípio e o seu escopo.

As condições não convencionais da Educação Aberta podem sugerir ao observador ocasional um certo clima de caos. Mas o contato com este grupo conferiu a certeza de que seus objetivos são claros e exequíveis dentro do quadro de recursos e que, subjacente ao sucesso da organização, está um comportamento gerencial eficaz.

A melhor resposta, porém, parece ser o comportamento das crianças. Elas parecem felizes de estar ali, portanto é provável que estejam satisfeitas com o que e como estão aprendendo.

A McEwan Open School, como organização educacional, aproxima-se realmente da afirmação afixada numa de suas paredes: "A escola é um bom lugar para viver, assim como é um bom lugar para aprender".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FANTASKI, Dennis et alii. **The eight day: An open education workshop about the future.** Pittsburgh. Book Center, 1974
2. HOWES, Virgil. **Informal teaching in the open classroom.** New York. Mcmillan Publishing Co. 1974.
3. KOHL, Herbert. **The open classroom.** New York. The New American Library, Inc., 1967.
4. LIKERT, Rensis. **New patterns of management.** New York. McGraw Hill Book Co., 1961.
5. PERRONE, Vito. **Open education: promise and problems.** Bloomington. Phi Delta Kappa Foundation, 1972
6. SPODEK, Barnard. **In class teacher training for open education,** Paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association. Chicago, 1972.